

Igreja Batista Monte Horebe
Pastoral: 26-04-2009
Autor: Pr. Edson B. Valeriano

QUANDO O CÉU SE FECHA I

Poderiam as janelas dos céus se fechar de modo tal que não cheguem até nós as bênçãos espirituais e até mesmo as materiais que vêm do Senhor? A Bíblia deixa óbvia a possibilidade de haverem ocasiões em que as janelas dos céus podem, sim, serem fechadas como consequência natural de falta de humildade, submissão e fidelidade para com Deus.

Tais momentos desérticos na vida não podem ser recebidos como punição ou castigos de Deus, pois o Eterno nada ganha punindo sua criação. Devem sim serem recebidos como consequência natural das inadequações do ser humano em questão, aos termos de sintonia estabelecidos pelo criador, para que suas benesses fluam livremente, como por uma osmose que não encontra obstáculo para permear todo o recipiente. Se o indivíduo obstrui o canal de fluxo com o Criador, que é a submissa, humilde e prazerosa subserviência ao Seu querer e vontade, então ele próprio aciona o gatilho do fechamento das janelas dos céus. O fechamento do canal da harmonia com Deus pode ser obstruído por uma altivez espiritual, postura orgulhosa que impede o quebrantamento de coração; um ato de desamor, egoísmo e avareza, tanto para com o Eterno bem como com o semelhante. Não é que o Eterno demande perfeição moral espiritual do ser finito, pois o próprio Senhor da Verdade o disse nos evangelhos **“Bom, só há um, que é Deus”**, e também o disse o salmista alhures no Salmo 103: **“Pois lembra da nossa estrutura, que somos pó”**; mas a atitude do coração para com Deus e para com o Seu Corpo que é a Igreja – Sua Agência de divulgação do Evangelho na terra – deve ser calibrada diuturnamente. O salmista dá o parâmetro no verso dezessete do Salmo 51: **“O sacrifício aceitável a Deus é o espírito quebrantado; ao coração quebrantado e contrito não desprezará, ó Deus.”**

Uma das advertências sobre tal possibilidade a encontramos em II Crônicas no capítulo sete e verso quatorze: **“Se eu cerrar o céu de modo que não haja chuva, ou ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo; e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se desviar de seu mau caminho, então eu ouvirei do céu, perdorei os seus pecados, e sararei a sua terra.”**

São tempos em que a peste ronda nossa casa, nossa vida; os gafanhotos – o sistema político-social, inflação, carestia, desemprego – consomem nossa terra – comunhão – de vida com Deus. A falta de quebrantamento de alma e espírito, da busca do pão da Palavra, da água da oração que mata a sede do espírito, da comunhão e vida com o povo de Deus; tudo isso leva a alma à inanição. Ao que se permite se penitenciar por suas mazelas, no verso quinze do mesmo texto, há o alento do Senhor: **“Agora estão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração que se fizer neste lugar.”**